

“Resistência dos povos oprimidos é direito, não fanatismo”

MOHAMED HABIB

Li com atenção a entrevista com o colega professor Jaime Pinsky, sob o título “*Fanatismo retrata a face do retrocesso*”, publicado na edição de número 271 (25 a 31 de outubro) do *Jornal da Unicamp*, e me senti indignado de ver manifestações, repetidamente, tomando muçulmanos do mundo contemporâneo de fanáticos e atrasados, sem apresentar, como bom historiador, os contextos históricos e as verdadeiras causas que levaram esses muçulmanos a terem essa imagem que com certeza existe na cabeça de algumas pessoas.

Dentro do tema conflitos, é bom lembrar que há o fanatismo agressor e, conseqüentemente, há o fanatismo defensor. E como o professor Pinsky coloca a questão em nível religioso, para discutir a questão palestina e a relação dos EUA com o mundo árabe, gostaria então de apresentar alguns dados para que o leitor possa entender com mais objetividade a situação dos povos árabes, pelo menos durante os últimos 100 anos.

A recente demolição do regime do Saddam Hussein pelas forças armadas norte-americanas, e a ocupação do Iraque, revelaram para a opinião pública internacional os reais planos dos EUA para o Oriente Médio, principalmente após a publicação dos relatórios dos inspetores britânicos, norte-americanos e da ONU, que comprovaram que não havia nada de armas de destruição em massa naquele país. Os verdadeiros historiadores já sabiam há muito tempo que o petróleo dos árabes e o conflito israelense-palestino são o pano de fundo dessa relação do governo dos EUA com o Oriente Médio.

Os agressores tornaram o Iraque um verdadeiro inferno, matando centenas de milhares de inocentes e apagando do mapa monumentos e construções considerados patrimônio da humanidade, e ninguém chamou aquilo de fanatismo. Temos ainda o escritor norte-americano Morgan Strong que em 2003 escreve sobre as manifestações do reverendo Jerry Falwell, dizendo: “*When we go to war in Iraq we will do so to summon the Messiah. That is what the Christian right believes. The final battle to rid the world of all non-believers, non-Christians, more exactly non-Evangelical Christians, is going to take place very soon at Armageddon in Israel. The Bible tells us so. Rev. Jerry Falwell believes fully, and unequivocally that we must go to war with Iraq to set in motion the cataclysmic events that will ensure the second coming of Jesus Christ. War with Iraq will lead to the end of the World, as we know it. God will reign and Jerry Falwell will sit at the right hand of God.*”

The Christian right managed, through the rebirth of George Bush, to gain a good measure of influence over the most powerful nation on this earth. The Christian right believes that only the apocalypse will purify the souls of the heretics, and the United States will be the instrument to bring forth God's wrath. The great resources, the military might, of the United States is part of the divine plan to bring the Apocalypse upon us.

Jerry Falwell has made the truth about the administration's desperate attempts to go to war with Iraq frighteningly clear. Falwell has said publicly he believes Mohammad the Prophet was evil. Falwell said that Mohammad was a terrorist. That is why he and the Christian fundamentalists support Israel in their battle against the Palestinians. Because the battle, Israel is fighting against the Moslem Palestinians is to reclaim the lands of biblical Israel. Evangelicals believe the lands of ancient Israel must be reunited in order to fulfill the biblical prophesy of Christ's return to earth.

*That is why George Bush makes no effort to stop Ariel Sharon's furious attempt to drive the Palestinians from the occupied territories. Sharon will restore the ancient Hebrew Kingdom, including Judea and Samaria, provinces which make up the modern-day West Bank. George Bush makes no effort to protect the Palestinian leader Yasser Arafat because the Evangelicals tell him not to. The Evangelicals are Bush's core support.” ****

Apenas cabe aqui perguntar: por que o professor Jaime não abordou o fanatismo da extrema direita cristã? Ele não sabe, ou simplesmente ocultou?

Luís Milman (2004) testemunha que pouco se discute no Ocidente sobre as origens do islamismo radical, e é verdade. É bom lembrar que o fundamentalismo político-religioso desenvolveu-se no mundo árabe desde 1928, com a criação da Irmandade Muçulmana no Cairo, com o objetivo claro e bem-definido de rejeição ao colonialismo. Colonialismo esse que se iniciou no final do século XIX, e se concretiza quando a Inglaterra traiu os árabes, prometendo a sua liberdade do Império Otomano, em troca de apoio durante a 1ª Guerra Mundial contra Alemanha e a Turquia. Ao mesmo tempo, havia um acordo secreto (Sykes-Picot) entre o governo inglês e o francês, dividindo o mundo árabe entre eles, após a extinção do califado turco em 1924. Foi assim que os países árabes que ainda não estavam sob ocupação militar de europeus começaram

a ser dominados pela Inglaterra e pela França, seja por motivos de localização geográfica estratégica, seja por petróleo. A dominação imperialista obviamente fazia de tudo para deteriorar cada vez mais a vida dos árabes dominados, impedindo o seu progresso nas diferentes áreas, educação, economia, saúde e outras. Movimentos populares de resistência à ocupação configuraram o caminho natural para qualquer povo seguir. Neste tipo de situação, sem organização social e sem recursos, resta principalmente o apelo religioso para aglutinar forças de resistência às forças de ocupação.

É interessante lembrar que Hitler chamava de terroristas os franceses e italianos que resistiam à ocupação nazista.

A criação do Estado de Israel, desde a publicação do “*Der Judenstaat*”, por Theodor Herzl em 1896, defendendo a criação de um estado judeu na Argentina ou na Palestina, passando pela declaração Balfour em 1922, até a Resolução 181 da ONU, partindo a Palestina em dois estados, palestino e israelense, também foi um exercício dos poderosos em cima dos fracos. Os massacres que o povo palestino vem sofrendo desde antes da criação do estado israelense até hoje, só podem ser comparados com o extermínio dos índios das Américas. Mas, o professor Pinsky nunca chamou isso de fanatismo, muito menos de terrorismo. Eu desconheço uma única resolução da ONU ou de seu Conselho de Segurança que foi obedecido pelo governo israelense. Como exemplo podemos citar as Resoluções 194 e 303, de 1948; 2253, de 1967; 242, do CS-ONU de 1967; 2787, de 1971; 425, do CS-ONU de 1978; 446, do CS-ONU de 1979; 672, do CS-ONU de 1990; 799, do CS-ONU de 1991; 904, do CS-ONU de 1994, e várias outras, além de mais de 40 vetos do representante dos EUA impedindo outras condenações do estado de Israel.

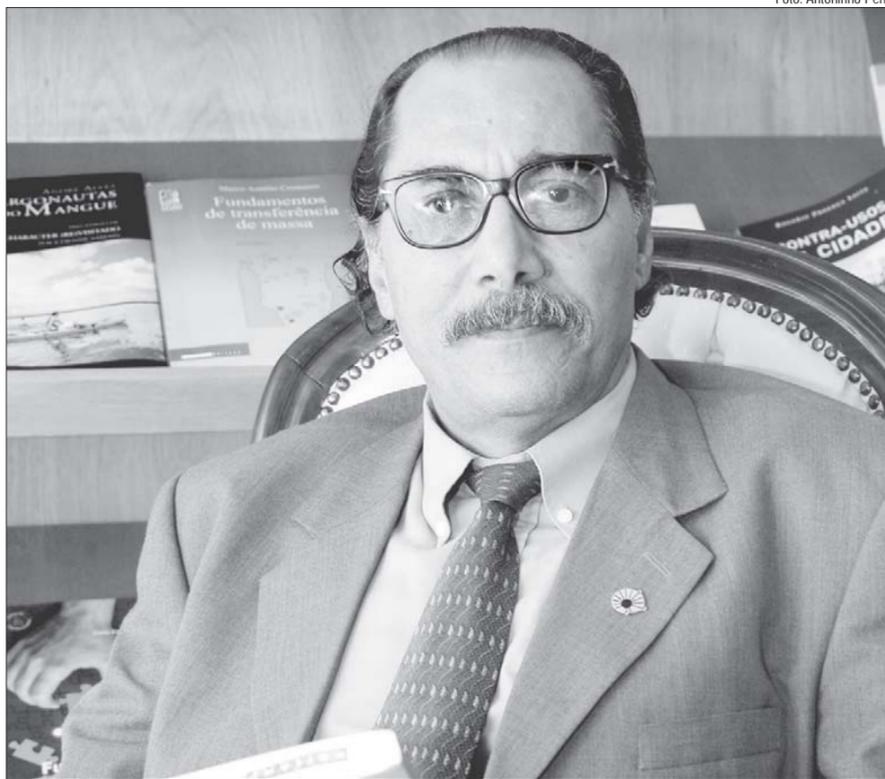
Caberia aqui relatar centenas de relatórios de comissões de direitos humanos denunciando os crimes de Israel contra os palestinos, no entanto a falta de espaço me obriga a deixar para outras oportunidades. Inclusive a Resolução 2787 da Assembleia Geral da ONU em 1971 reconheceu o direito dos palestinos para lutarem contra a ocupação israelense e pela recuperação da sua pátria. Não devemos esquecer a história para podermos entender os acontecimentos de hoje. Hannah Arendt dizia que a luta contra a opressão é a luta da memória contra o esquecimento. Como efeito, a história mostra claramente quanto os palestinos indefesos sofreram e continuam sofrendo de fanatismo agressor religioso e geopolítico. Mas, quem se atreve a falar em favor do povo palestino é considerado anti-semita, mesmo se for verdadeiramente semita.

O general Moshe Dayan declarou ao jornal israelense Haaretz (04/04/1969): “*Vimos para este país, que já era habitado pelos árabes, e estamos estabelecendo um estado judeu. Cidades israelenses foram construídas no lugar de cidades árabes. Vocês não sabem os nomes das cidades árabes e eu não os culpo por isso, pois não existem mais os antigos livros de geografia. Mas não apenas os livros que desapareceram, também cidades árabes não existem mais.*” Qual seria o nome que podemos dar a isso?

“Os agressores tornaram o Iraque um verdadeiro inferno”

“A história mostra quanto os palestinos sofreram”

“Vários outros povos são vítimas do imperialismo”



O professor Mohamed Habib é diretor do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp

Outro testemunho judeu é o do escritor Meron Benvenisti, que em 2000 publicou o livro “*Sacred Landscape: the Buried History of the Holy Land since 1948*” no qual relata um levantamento feito em 1948, logo que se criou o estado de Israel, examinando 9 mil locais, entre aldeias, cidades, povoados, rios, montanhas e outros. Tal levantamento revelou que mais de 90% desses locais contavam com nomes árabes e não hebreus, comprometendo a tese que foi vendida ao mundo na época: “*uma terra sem povo para um povo sem terra*”. E que seria necessário destruir os vestígios dos palestinos, a sua história e a sua cultura. O que, de fato, ainda está em curso.

O general israelense Yitzhak Eitan (*Haaretz*, 15/08/2002) já recomendava aproveitar o momento de uma invasão militar norte-americana no Iraque. Seria uma ótima oportunidade de expulsar todos os palestinos para a vizinha Jordânia, através de uma ampla ação militar em todos os territórios palestinos ocupados pelo exército de Israel. O que, de fato, também está em curso.

Enver Masud (www.twf.org-2003) analisa os motivos que levam a opinião pública mundial a repudiar o governo Bush notadamente pela desobediência às leis e aos acordos internacionais, tais como a Convenção Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), o Tratado dos Mísseis Antibalísticos (1972), a Convenção sobre a eliminação da discriminação contra a mulher (1979), a Convenção das Nações Unidas sobre a Lei do Mar (1982), a Convenção dos Direitos da Criança (1989), o Protocolo de Kyoto (1997), a Convenção das Armas Químicas (1998), a Convenção das Armas Biológicas (2001) e a Corte Internacional Criminal (2002), além de outros.

Ainda no seu artigo, Enver mostra a ilegalidade da guerra contra o Iraque, que na sua visão se iguala à barbárie de 750 anos atrás, quando os mongóis destruíram Bagdá.

Para mostrar a simbiose ou mesmo parasitismo entre os dois Estados, o economista Thomas Stauffer relata que nos últimos 30 anos, além de fechar os olhos para o desenvolvimento de armas nucleares por Israel, os cofres norte-americanos entregaram aos israelenses, em forma de ajuda, cerca de US\$ 1,6 trilhões.

Na realidade, isso tudo é um resultado previsível do processo que se iniciou no século XIX, quando a Europa dominou o mundo, inclusive o árabe. A primeira invasão e ocupação de um país árabe foi a da Argélia pela França (1830-1847). Na península arábica, a cidade portuária de Aden foi ocupada pelos ingleses em 1839. Em 1860, a Espanha invadiu o Reino do Marrocos, e em 1881, os franceses ocuparam a Tunísia. Em 1882, os ingleses invadiram o Egito e lá permaneceram até 1954. Com o início da 1ª Guerra Mundial, a Itália ocupa a Líbia. Com o término da Guerra, todos os países árabes foram ocupados por Inglaterra, França, Espanha e Itália, facilitando a posteriori a criação do Estado de Israel na Palestina, a partir de maio de 1948. Esta já estava sob o domínio britânico desde 1922.

Fica claro, portanto, que essa seqüência de agressões contra os países árabes, ao longo do

tempo, acaba, naturalmente, criando reações populares, às vezes alimentadas e estimuladas por movimentos de rotulagem religiosa, como mecanismo de aglutinação. Isso aconteceu em todos os casos onde o Estado árabe foi corrompido pelos impérios, ou simplesmente por ausência real do Estado. Os muçulmanos, no entanto, acreditam e defendem, com dentes e unhas, que toda criança que nasce, independentemente da sua raça, cor, religião ou nacionalidade, tem o direito sagrado de crescer e viver dignamente numa sociedade livre, autônoma e com relações justas e fraternas com os povos vizinhos. Isto deve ser aplicado no mundo inteiro, incluindo Israel e Palestina.

Assim, caros leitores do *Jornal da Unicamp*, embora reconheçamos que o mundo árabe hoje é visto como atrasado em vários aspectos da vida moderna, não podemos aceitar a tese do professor Pinsky de que isto ocorreu devido a um fanatismo religioso dos árabes muçulmanos. A verdade é que não apenas o mundo árabe, mas também vários outros povos, dentro da soma dos 80% da humanidade, são vítimas da política imperial que se iniciou com os impérios europeus e hoje é exercida pelo império neoliberal dos EUA. Política essa que pratica a opressão, o assalto às riquezas dos outros, crimes contra a humanidade, invasões e massacres de povos inocentes. Aos oprimidos resta apenas a resistência, que é um direito jurídico, moral e politicamente legítimo.

***Quando nos lançarmos à Guerra no Iraque, assim o faremos para invocar o Messias. Isto é o que creem os cristãos da direita. A batalha final para eliminar todos os não-crentes, não-cristãos, mais exatamente cristãos não-evangélicos, ocorrerá muito breve no Armagedon em Israel. Assim nos conta a Bíblia. O reverendo Jerry Falwell cre piamente e inequivocamente que devemos ir à guerra contra o Iraque a fim de desencadear os eventos cataclísmicos que assegurarão a segunda vinda de Jesus Cristo. A guerra contra o Iraque conduzirá ao fim do mundo que conhecemos. Deus reinará e Jerry Falwell sentar-se-á à sua direita.

A direita cristã conseguiu, através do renascimento de George Bush, ganhar considerável influência sobre a mais poderosa nação do planeta. Acreditam que somente o Apocalipse purificará as almas dos hereges e os Estados Unidos serão o instrumento para provocar a ira divina. Os imensos recursos e o poderio militar dos Estados Unidos são parte do plano divino para castigar-nos com o Apocalipse.

Jerry Falwell tornou pavorosamente claros os desesperados esforços desta administração em ir à guerra contra o Iraque. Declarou publicamente acreditar que o profeta Maomé representava o mal e que era um terrorista. Este

é o motivo pelo qual ele e os cristãos fundamentalistas apóiam Israel em sua batalha contra os palestinos. Pois a batalha que está sendo travado por Israel contra os palestinos muçulmanos é para recuperar as terras da Israel bíblica. Os evangélicos acreditam que as terras da antiga Israel devam ser reunificadas para que se concretize a profecia do retorno de Cristo ao mundo.

Eis porque George Bush absolutamente não se empenha em impedir os furiosos esforços de Ariel Sharon em expulsar os palestinos dos territórios ocupados. Sharon irá restaurar o antigo Reino Hebreu, incluindo a Judéia e a Samaria, províncias que compõem a atual margem ocidental. George Bush não se empenha de modo algum em proteger Yasser Arafat por orientação dos evangélicos. Estes representam o núcleo de apoio a Bush.

Tradução de Luis Antônio V. Curti